



RESUMOS > COMUNICAÇÕES  
Terça-feira > 17/10 > 16:00-17:30  
Sala 2082

### Painel > **O corpo e os fins da arte: questões contemporâneas**

A presença do corpo nas dinâmicas criativas é algo que tem ganhado relevo nas experimentações de artistas contemporâneos desde a década de 50. Performances, happenings, body art e propostas radicais de teatro e dança são alguns campos em que o corpo vem sendo explorado como material, conteúdo e forma de arte, o que vem desafiando alguns conceitos fundamentais de estética e teoria da arte, tais como a delicada relação entre sujeito e objeto e a dicotomia estabelecida entre mente e corpo. Ademais, o corpo do artista, tomado em sua simples presença como a própria obra de arte, levanta questões sobre o fim da arte entendida como objeto estável e permanente, tensionando as fronteiras entre arte e vida, o que torna difícil distinguir, por seus elementos essenciais, uma obra de arte de um objeto/corpo cotidiano.

Neste painel, Thiago Borges defende que as artes corporais de hoje apresentam indícios do momento de objeto do corpo, na perspectiva dialética de Adorno, o que significa que o sujeito confronta-se com a ilusão das identidades rígidas separadas e hierarquizadas e com os reducionismos dos discursos científicos sobre o corpo. Mariana Lage se apoia nas proposições de Paul Zumthor e Erika Fischer-Lichte a fim de pensar a Estética do performativo, vertente que aborda a arte como ação e acontecimento, bem como as possibilidades da crítica de performance e a experiência estética como parte constitutiva das obras performáticas. Ana Rita Nicolliello articula o conceito de experiência estética, proposto por John Dewey e desenvolvido, no campo da somaestética, por Richard Shusterman, como um critério ainda válido para a teoria das artes corporais e, no campo da dança, pensa um dos sentidos da expressão “fim da arte” como função ou finalidade de educação somática.

Mariana Lage Miranda > UFJF

## **Estética do performativo: implicações filosóficas do fim da obra como objeto**

Muitas foram (e são) as ocasiões em que se dissertam sobre a morte da arte ou o fim de um determinado tipo de produção artística. O fim da arte entendida como objeto estável e/ou permanente, transformando-se em algo relacional, imaterial e evanescente, acontece com as poéticas contemporâneas, em seus começos contraculturais em fins da década de 1950. As proposições Fluxus, os happenings e performances evidenciavam já o advento de um fazer artístico entendido como determinadamente relacional – portanto, fadado a desaparecer ou a permanecer apenas como registro e memória. No presente trabalho, me debruço sobre as implicações filosóficas da performance, me apoiando em autores como Paul Zumthor e Erika Fischer-Lichte, a fim de pensar o que alguns chamam de Estética do performativo, vertente que aborda a arte como ação e acontecimento. Nessa perspectiva, a obra em performance somente existe no instante de sua presentificação, e sua forma artística/estética é constituída das circunstâncias específicas de sua realização. Se é próprio da performance destacar o caráter único de cada acontecimento como vivência participante, sua efemeridade e transitoriedade, uma estética do performativo deve enfrentar perguntas como, por exemplo, de que modo pode atuar a crítica de performance – uma crítica que ultrapasse o mero relato de um instante evanescente, e que, ao mesmo tempo, se apresente como reflexão filosófica. Sendo a experiência estética parte constitutiva da obra, há assim que se enfrentar o papel determinante desse conceito no debate da arte entendida como ação, assim como pensar em que medida essa experiência pode ou deve ultrapassar a mera vivência e pode ou deve se estabelecer como algo analiticamente comunicável, compartilhável. Em última instância, pode-se perceber que a performance levanta perguntas que nos levam aos começos e aos limites da Estética como disciplina filosófica.

Ana Rita Nicolliello Lara Leite > UFMG

### **Os fins da dança: corpo, consciência e educação somática**

Um dos sentidos que pode ser atribuído à expressão “fim da arte” diz respeito ao tensionamento das fronteiras entre arte e vida, isto é, quando não é possível distinguir, por seus elementos essenciais, uma obra de arte de um objeto cotidiano. No campo da dança, uma arte pouquíssimo tratada por filósofos, esse tensionamento foi evidenciado, principalmente a partir da década de 60, pelas performances do coletivo de artistas da Judson Church Dance Theater. A partir do exame de algumas apresentações de Trisha Brown, Yvonne Rainer e Steve Paxton, podemos perceber que o próprio medium da dança foi questionado, já que o corpo natural, aquele não conformado e codificado pelas técnicas do balé ou da dança moderna, foi tomado como principal material. Nessas experimentações, o corpo passou a ser entendido menos como um objeto que se move no espaço cênico produzindo formas belas; e mais como um organismo vivo, funcional e relacional, que, por tomar consciência de si, movimenta o espaço, trabalhando com forças. Nesse contexto, é pertinente invocar o conceito de experiência estética, proposto por John Dewey – e desenvolvido, no campo da somaestética, por Richard Shusterman – como um critério ainda válido para a teoria da arte. O recurso à teoria estética pragmatista abre-nos, ainda, a possibilidade de lidar com um segundo sentido da expressão “fim da arte”: a dança que se faz desnuda e sem artifícios, tem o potencial finalístico de colocar, tanto o espectador como o próprio artista-performer, em contato direto com o processo criativo da dança, de modo que parte do prazer estético deriva da compreensão e aprendizagem de sua estrutura. A dança acaba, então, cumprindo uma função de educação somática.

Thiago Ferreira de Borges > Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

### **As artes corporais e a dialética sujeito-objeto de Theodor W. Adorno**

A expressão “arte corporal” aparece, salvo engano, uma única vez na Teoria Estética de Adorno, como referência direta ao circo, em

um contexto argumentativo sobre a noção de apparition. Trata-se da conhecida analogia feita por Adorno a partir de Valéry entre obras de arte e fogos de artifício.

As artes circenses enquanto corporais por excelência, guardariam um momento de verdade importante às artes espirituais, quando da relação dialética entre elas.

“A arte corporal, segundo a expressão de Wedekind, não ficou só para trás da arte espiritualizada, não permaneceu simplesmente como seu complemento: enquanto não-intencional, foi também o seu modelo.” (Adorno, 2011, p.129)

Na cena contemporânea das artes, a prevalência do corpo nas dinâmicas criativas entre material, conteúdo e forma, é evidente não mais somente nas danças e no teatro, mas agora também, nas performances e no que se chama Body Art. “Artes corporais”, portanto, é uma expressão, segundo pensamos, condizente com muitas das produções artísticas da atualidade.

Se ainda hoje não for anacrônico o uso do termo objeto, para fazer referência a uma obra de arte na sua presença material, então no caso das artes corporais podemos pensar que a performance com um corpo e de um corpo, nos remete a delicada e controversa relação entre os conceitos de sujeito e objeto, por um lado, e, espírito/alma e corpo por outro.

Para nossa comunicação centraremos nossas reflexões na possibilidade de encontramos nas artes corporais de hoje, indícios do momento de objeto do corpo, mas na perspectiva dialética de Adorno, o que significa que o sujeito, seja ele o que for, ao deparar-se com o corpo enquanto encarnação do objeto, confronta-se com a ilusão das identidades rígidas separadas e hierarquizadas, ou ainda, também, com os reducionismos igualmente abstratos tendentes ao orgânico como fonte dos discursos científicos atuais sobre o corpo.